



DOSSIÊ VISÕES DO BRASIL

ANTONIO CANDIDO: UM HOMEM SIMPLES

Brasília Carlos Ferreira - UFRN

ESBOÇO DE FIGURA

*Antonio Candido ou
Antonio lúcido, límpido,
que conhece e pratica a força imponderável da intuição?
Que funda o juízo crítico no gosto,
- o gosto que em vão se tenta exilar, e permanece,
mesmo negado e ignorado, o sal da percepção?
Antonio que não cinge a malha de gelo do formalismo
e, com movimentos livres e lépidos,
sente a pulsação oculta da obra,
num enlace de simpatia literária?
Antonio a vislumbrar no poema
para além das palavras uma conquista do inexprimível
que elas não contêm
e diante do qual devem capitular?
Antonio atento às áreas de silêncio entre as palavras,
nelas distinguindo a misteriosa ressonância
do inexprimível afinal expressado,
fora do poema, pelo seu rastro?
Antonio a perceber no leitor consciente
um vaso novo, em que os cantos do poeta irão combinar-se
de um modo especial e quase único?
Arguto, sutil Antonio,
a captar nos livros
a inteligência e o sentimento das aventuras do espírito,
ao mesmo tempo em que, no dia brasileiro,
desdenha provar os frutos da árvore da opressão,
e, fugindo ao séquito dos poderosos do mundo,
acusa a transfiguração do homem em servil objeto do homem.
Assim é Antonio Candido, na altiva, discreta pureza
dos sessent'anos.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este artigo está voltado para Antonio Candido de Mello e Souza, ensaísta, crítico, sociólogo, autor de obras consideradas clássicas como *Os Parceiros do Rio Bonito* e *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Um intelectual brilhante que soube lançar mão da sociologia para refletir sobre as artes, sobre a literatura, sobre a vida. Sobretudo, um homem comprometido com as questões de seu tempo, intelectual-cidadão que desde jovem e até hoje mantém-se explicitamente identificado com os projetos políticos em que acredita. No artigo, mais do que fazer uma incursão profunda pelo interior de sua obra, pretendemos apresentá-lo aos mais jovens ou aos que ainda não tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Com este objetivo, esboçaremos algumas pistas biográficas e em seguida falaremos de sua formação, das trajetórias intelectual e política e ao final, ressaltaremos alguns traços de sua visão do Brasil.

Palavras-chave: Antonio Candido - Trajetória intelectual e política.

RESUMÉ

Cet article est à propos de Antonio Candido de Mello e Souza, essayiste, critique littéraire, sociologue, auteur d'ouvrages considérées classiques comme "*Os Parceiros do Rio Bonito*" e "*Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*". Antonio Candido est un brillant intellectuel qui a su s'en servir de la sociologie pour réfléchir sur les arts, sur la littérature, sur la vie. Surtout, c'est un homme engagé aux questions de son temps, un intellectuel citoyen qui depuis sa jeunesse se maintient identifié avec les projets politiques auxquelles il croit. Dans cet article, plus qu'une profonde incursion dans l'intérieur de son œuvre, on aimerait présenter l'écrivain aux personnes plus jeunes et auxquelles qui n'ont pas eu la chance de lui connaître. Pour atteindre cet objectif, on ira esquisser ses traits biographiques, ensuite on parlera un peu de sa formation, de ses trajectoires intellectuelle et politique, et à la fin on relèvera quelques traits de sa vision sur le Brésil.

Mots clés: Antonio Candido - Trajectoire intellectuelle et politique.

INTRODUÇÃO

A literatura do Brasil, como a dos outros países latino-americanos, é marcada por este compromisso com a vida nacional no seu conjunto, circunstância que inexistia nas literaturas dos países de velha cultura. Nelas, os vínculos neste sentido são os que prendem necessariamente as produções do espírito ao conjunto das produções culturais; mas não a consciência, ou a intenção, de estar fazendo um pouco da nação ao fazer literatura.

Antonio Candido

Por que Antonio Candido? Porque sempre fui apaixonada pela figura humana e intelectual que ele é: um homem pleno de humanismo, um ser cordial, gentil, humilde. Feito daquela humildade de que somente os sábios e os gigantes são feitos. Um intelectual brilhante que soube lançar mão da sociologia para refletir sobre as artes, sobre a literatura, sobre a vida. Sobretudo, um homem comprometido com as questões de seu tempo, que desde jovem e até hoje mantém-se explicitamente identificado com os projetos políticos em que acredita. Assim, no pós-guerra fundou junto com um grupo de jovens intelectuais a Esquerda Democrática que daria origem ao histórico Partido Socialista Brasileiro e nos anos oitenta abraçou o projeto do Partido dos Trabalhadores, onde até hoje permanece.

Que outras virtudes poderiam justificar minha escolha? O fato de que em sendo tão grande, figurando no pódio dos maiores intelectuais brasileiros, sendo considerado um dos intérpretes fundadores da nossa nação e da nossa gente, Antonio Candido tenha na simplicidade o atributo central de sua vida, seja na esfera privada, seja na esfera pública.

Nesse nosso tempo de vaidades sem suporte, arrogância e soberba sem amparo, em que tantos se vangloriam de um saber verticalizado que se esgota nos seus próprios limites, não se articulando às infindas dimensões da existência huma-

na, ele se destaca pelo saber horizontalizado: saberes que dialogam para decifrar os mistérios do mundo social.

Nesse nosso tempo narcísico em que num campeonato de anatomia moral cada um busca expor suas vísceras intelectuais, Antonio Candido chama a atenção pela discrição, a suave discrição dos que sabem que em sendo humanos, temos a possibilidade e o dever de expor os pensamentos, divulgar o discurso, palavras e ações na esfera pública, intervindo na construção do edifício social, e o cuidado em preservar o corpo, o sentimento, para o espaço restrito do mundo privado.

Homem avesso às entrevistas e seus desvios para o campo da superexposição da esfera privada da existência, não são abundantes as fontes capazes de fornecer referências para se reconstituir a vida de Antonio Candido. Mas por dever de apresentá-lo aos mais jovens ou aos que passam ao largo da figura longilínea de olhar sereno e gestos calmos, delinearemos algumas pistas biográficas. Em seguida falaremos um pouco de sua formação, das trajetórias intelectual e política e ao final, ressaltaremos alguns traços de sua visão do Brasil.

1 - RESUMO DE ANTONIO CANDIDO

Antonio Candido de Mello e Souza nasceu em 1918 no Rio de Janeiro, filho de Aristides Candido de Mello e Souza, médico, e de Clarisse Tolentino de Mello e Souza. Mudou-se com a família para Minas Gerais ainda criança, morando em Cássia e em Poços de Caldas, onde fez os primeiros estudos. Em 1935 a família transferiu-se para São Paulo, onde ele terminou o secundário e entrou para a Universidade de São Paulo, curso de Ciências Sociais, que concluiria em 1942. No mesmo ano iniciou a carreira acadêmica como assistente do professor Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia. Em 1945 prestou um concurso de literatura brasileira através do qual obteve o título de livre-docente com a tese "Introdução ao método crítico de Silvio Romero". Em 1954 defendeu a tese "Os Parceiros do Rio Bonito" sendo aprovado doutor em Ciências Sociais. Casado com Gilda Rocha de Mello e Souza, colega de graduação e depois

colega de trabalho na USP, tem três filhas: Ana Luísa, Laura e Marina. Sua trajetória acadêmica foi desde o início marcada pela forte intercessão entre a Sociologia e a Literatura. Em 1961 ele passou a lecionar as disciplinas de teoria literária e literatura comparada na Faculdade de Filosofia de Assis, hoje integrante da UNESP. Aos poucos Antonio Candido foi se dedicando mais à literatura, que acabaria por mobilizar sua melhor energia intelectual. Passou parte do período negro da ditadura como professor visitante de literatura brasileira na Universidade de Paris e na Universidade de Yale. De volta ao Brasil, participou decisivamente das lutas contra os governos autoritários e suas tiranias, integrando as iniciativas oposicionistas, sejam oriundas da Igreja, como a Comissão Justiça e Paz, sejam no interior da Universidade, na resistência dos professores e intelectuais aos ataques dos prepostos da ditadura. Atualmente aposentado, é professor emérito da USP e da UNESP e doutor *honoris causa* da Universidade Estadual de Campinas. Foi um dos fundadores da revista *Clima*, onde começou a exercer o ofício de crítico literário que o levaria à imprensa, tendo trabalhado nos jornais *Folha da Manhã*, *Diário de São Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e na revista *Argumento*. Presidiu a Associação Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo e a Fundação Cinemateca Brasileira. Em 1998 Antonio Candido recebeu o prêmio Luiz de Camões, concedido a escritores de língua portuguesa, por sua *contribuição para o conhecimento da literatura e o rigor científico de sua ação pedagógica*. Antonio Candido desde jovem manteve expressiva participação política, iniciada durante os anos 30 através do Grupo Radical de Ação Popular, que integrava o movimento de oposição à ditadura do Estado Novo. Com a redemocratização em 1945, foi um dos fundadores da União Democrática Socialista, origem do movimento chamado Esquerda Democrática que resultaria na fundação em 1947 do Partido Socialista Brasileiro, o PSB histórico. Foi dirigente partidário e um dos diretores do jornal *Folha Socialista*. Como crítico severo da dominação política e da exclusão social, traços marcantes da cultura política brasileira, vamos encontrá-lo em 1980 como um dos

fundadores do Partido dos Trabalhadores. No PT, foi presidente do Conselho da Fundação Wilson Pinheiro, sendo atualmente vice-presidente da TV do Trabalhador e membro do Conselho editorial da revista Teoria e Prática.

2 – FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA INTELLECTUAL

Embora nascido em uma família de médicos, Candido desde cedo inclinou-se para os estudos humanísticos. Seu pai teve formação filosófica na obra da chamada Escola do Recife. “*Eu vivi no interior, numa casa de pais muito cultos, com uma excelente biblioteca. Em casa, aos treze, quatorze anos de idade, eu lia Haeckel, Buchner. A História da Criação, de Oswald Haeckel foi um dos livros que mais li, era a Bíblia de Tobias Barreto, de Sílvio Romero*”. Também fizeram parte de sua formação obras de Clóvis Bevilacqua, Arthur Orlando e Araripe Junior. Essas leituras viriam definir no futuro a escolha de Sílvio Romero como objeto de estudo de sua tese. “*Por isso, quando fui fazer tese, eu tinha que escolher um assunto que eu conhecesse bem, tinha que fazer isso em menos de um ano, escolhi Sílvio Romero*” (Lima, 1995). Essa opção demonstra a importância que teve na sua formação a Escola do Recife.

A trajetória intelectual de Antonio Candido se confunde com a própria história da Universidade de São Paulo, especialmente com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da qual foi aluno e posteriormente professor. A USP nasceu como projeto político de setores esclarecidos das elites paulistas. Fragilizados pela derrota da revolução constitucionalista de 1932, pensaram a criação de uma Universidade em São Paulo, “*objetivando que o Estado recuperasse a sua força através da cultura. Desse modo na sua visão, a Universidade iria equipar o Estado com os instrumentos culturais necessários para ele assumir em nível elevado a liderança da Federação*” (Freitas, 1993). Na época, coube a Júlio de Mesquita Filho a missão de convencer Armando Salles de Oliveira, Interventor Federal e seu cunhado, da necessidade de viabilização do projeto. Foi criada a Faculdade

de Filosofia, Ciências e Letras que se tornaria uma referência para a cultura e a intelectualidade brasileira.

Na época, uma experiência geracional particularmente venturosa reuniu um grupo de rapazes e moças que faria carreira intelectual brilhante e viria ocupar posições de destaque no cenário nacional.

Eu tive a grande sorte de pertencer a um grupo excepcional, por isso costumo dizer que, para mim, tanto ou mais importantes que os professores foram os meus colegas. Nós formávamos um bando de rapazes e moças curiosos, que gostavam muito de ler e se estimulavam reciprocamente de maneira extraordinária. Basta dizer alguns nomes para você ver como era gente que se projetou realmente: minha mulher, Gilda, Lourival Gomes Machado, Paulo Emílio Salles Gomes, Décio de Almeida Prado, Ruy Coelho, muitos deles já mortos. Éramos das seções de Filosofia e Ciências Sociais, mas havia alguns de outras seções, como Marcelo Damy de Souza Santos, o grande físico. E até de outras Faculdades, como Antônio Lefèvre, aluno de Medicina que seguia os cursos de Filosofia e tornou-se depois o maior neuropediatra do Brasil (Freitas, 1993).

Realizados os dois anos de preparatório no Colégio Universitário da USP, em 1939 Antonio Candido se candidatou para a Faculdade de Filosofia, seção de Ciências Sociais, e para a Faculdade de Direito, atendendo pedido feito pelo pai por ocasião da desistência do curso de medicina. A Faculdade de Filosofia contava com um corpo docente formado na grande maioria por estrangeiros, e as arguições eram feitas em francês.

Fiz exame de Geografia Humana, Sociologia, Filosofia, História. O de Geografia foi muito interessante e serve para mostrar como os professores franceses foram fecundos para nós. O examinador, Pierre Monbeig, me perguntou o seguinte: ‘Como se chama o vento que sopra no fim da tarde no litoral sul do Estado de São Paulo e ajuda a pesca?’ E eu: ‘Não sei’. Ele: ‘Qual é a técnica que os caboclos usam para enrolar o fumo?’ Eu: ‘Não sei’. ‘Este morro que o senhor está vendo pela janela a que sistema pertence?’ Eu olhei e disse: ‘Não sei’. Ele: ‘O senhor pode me descrever o Maciço Central da França?’ Eu descrevi inteirinho. Ele, então, arrasante: ‘O senhor não tem vergonha de ignorar as coisas mais

simples do seu país e falar sobre coisas da França, que não têm o menor interesse para o senhor?’ O professor Monbeig podia ser muito áspero, mas eu quis com isto mostrar como os professores franceses nos ajudavam a ver a realidade local. Eles nos ensinaram a ver o Brasil (Freitas, 1993).

Os alunos que compunham o corpo discente da USP era formado em parte por rapazes e moças remediados, filhos das elites proprietárias de terras, alto comerciantes e profissionais liberais. As desistências eram freqüentes. “Então Júlio de Mesquita Filho disse ao prof. Fernando de Azevedo, de quem eu ouvi isso: Veja você, não adiantou o nosso esforço, São Paulo não está à altura do que nós queríamos, ninguém se inscreveu, ninguém se interessa, essa Faculdade vai fechar por falta de aluno” (Freitas, 1993). A solução proposta por Fernando de Azevedo foi a criação de um contingente de alunos estável, formado por professores primários que foram incentivados a vir fazer a faculdade, com a contrapartida do estado de manter seus vencimentos. Este evento, que provavelmente inaugurou a utilização de bolsas para o financiamento do ensino superior no país, foi a mola propulsora para a formação de uma geração de grandes professores e intelectuais.

Antonio Candido, de origem abastada, fazia parte do grupo de estudantes que não necessitavam arcar com a própria sobrevivência, vivendo às expensas da família.

Eu ouvia falar em Sociologia, misturava com socialismo, não sabia direito o que era, lia um pouco de Filosofia e tinha vontade de penetrar nesse mundo novo. Embora minha paixão fosse Literatura, eu não quis entrar na seção de Letras; quis entrar na seção que estava de acordo com a curiosidade pelo Brasil e a radicalidade política e social do meu tempo, pois nela se ensinava Sociologia, Economia Política, História, Filosofia. Foi por causa dessa atmosfera de 1930 que eu e muitos outros nos encaminhamos para as seções da Filosofia e Ciências Sociais. O que me levou à Faculdade de Filosofia foi a paixão pelas humanidades de maneira geral e, de maneira particular, a vontade de integrar aquele grande movimento de análise social, histórica e econômica do Brasil, na minha geração (Freitas, 1993).

Os anos 30 foram particularmente marcantes em termos políticos. O projeto da Aliança Liberal comportou dissidências intra-oligárquicas, o tenentismo, setores urbanos emergentes e trabalhadores. O chamado movimento de 30 trouxe para a esfera pública novos personagens e novas demandas, produzindo um clima de expectativa, quando não de esperança. Antonio Candido não ficaria imune à cena.

Sou um homem dependente do decênio de 1930, um decênio extremamente participante. Foi o decênio, por exemplo, do romance do nordeste, e que a literatura parecia depoimento, parecia aderir aos grandes problemas sociais. Então nos parecia que a Sociologia era muito necessária como instrumento de visão do mundo. Minha geração era muito voltada para os estudos sociais, e havia uma espécie de esforço para redescobrir o Brasil, depois do movimento revolucionário de outubro de 1930, que alguns historiadores menosprezam hoje em dia, achando que não foi uma Revolução. Não foi de fato uma Revolução no sentido marxista de subversão das estruturas, mas foi uma transformação profunda no Brasil, com a sua entrada na era industrial, com o primeiro golpe de morte na oligarquia rural nas zonas mais civilizadas, com a integração nas grandes correntes que iam pelo mundo, inclusive a radicalização das posições políticas (Freitas, 1993).

Entre os professores, *naípe* de nomes como Lévi-Strauss, Fernando Braudel, George Gurvitch, Emílio Willems, Roger Bastide, Fernando de Azevedo, Jean Maugué. Este último, professor de filosofia, chamava a atenção pelo brilhantismo de suas aulas, o que fazia os antigos alunos continuarem a frequentar os cursos junto aos novatos. Ele teria uma grande presença na formação de Candido.

Era um espírito extremamente livre, que tencionava principalmente nos ensinar a refletir sobre os fatos: as paixões, os namoros, os problemas de família, o noticiário dos jornais, os problemas sociais, a política. E para isso utilizava largamente reflexões e análises sobre literatura, pintura, cinema. Com ele fiz cursos sobre Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Max Scheler, Freud; de todos se desprendia uma espécie de inspiração que aguçava o senso da vida, da arte, da literatura, da história, dos problemas sociais (Lima, 1995).

É interessante perceber como Candido assume a influência dos elementos circundantes, sobretudo o contexto político, nas suas inquietações juvenis, opções profissionais e formulações teóricas. Ele destaca a influência que eventos como a Revolução de 1930 e a decretação do Estado Novo tiveram sobre sua vida. No período, o ideário autoritário, seja na sua versão internacional, o fascismo, ou na sua variante nacional, o integralismo, entrou em choque com o ideário comunista. Esse confronto polarizaria grande parte da sociedade brasileira, com grande penetração nos círculos estudantis universitários de todo o país. Na Faculdade de Direito de Recife, as consignas Deus, Pátria e Família, lema dos integralistas, tinha sua contraface no Pão, Terra e Liberdade, legenda dos comunistas. Pela primeira vez na história republicana, a intelectualidade se confrontava através de perspectivas ideológicas contrastantes. Antonio Candido e a sua geração da USP não ficaria ao largo desse processo.

Este foi um daqueles momentos raros na história, em que o posicionamento político parece indispensável para a condução da própria existência. Independente da opção tomada, chama a atenção o imperativo da opção política que se vivia naquele momento. Essa urgência de tomada de posição seria um dos elementos fortes na definição dos rumos das trajetórias individuais e mesmo dos acontecimentos e definições que aconteceriam proximamente, seja com o surgimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1934, seja com a eclosão do movimento de 1935, seja posteriormente quando da deflagração da Segunda Guerra Mundial. Mais que isso, os elementos em jogo nos anos 30, seus protagonistas, erros e acertos históricos estariam na definição dos rumos que a sociedade brasileira iria trilhar a partir de então.

O próprio Candido percebe que este foi um tempo de fundação ao confessar que

por toda a minha vida, mesmo nos momentos de mais agudo ceticismo, nunca fui capaz de perder a preocupação com os fatores sociais e políticos que obsedaram a minha geração como uma espécie de memento e quase de remorso. Naqueles decênios de 30 e 40, formou-se aqui, além do pensamento revolucionário de esquerda, que atingiu setores mais restritos, um pensamento

radical de classe média, que envolveu mesmo a maior parte dos socialistas e comunistas e a meu ver representou um enorme progresso. De fato, foi a primeira vez que surgiu de modo ponderável uma visão não-aristocrática do Brasil; a última visão aristocrática de peso foi a de Gilberto Freyre, apesar dos elementos que trouxe para a sua superação. Isso favoreceu a formação de um pensamento radical, no qual me desenvolvi na mocidade (Lima, 1995).

Esse contexto seria potencializado com a criação da USP em 1934. O ambiente de jovens estudantes sintonizados com o mundo e envolvidos na busca de explicações para a sociedade brasileira estaria na origem de movimentos literários como a fundação da revista *Clima*, por sua vez herdeira ou ao menos influenciada pela *Semana de Arte de 22*. A USP seria um ambiente propício à propagação dessas idéias, como atesta o próprio Candido: “a meu ver, ela deu elementos decisivos para a formulação daquele pensamento radical que se desenvolveu em todo o Brasil”.

A Revista *Clima* foi fundada em 1941 por Antonio Candido e um grupo de jovens estudantes como Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Gilda de Moraes Rocha (futura esposa de Antonio Candido), Lourival Gomes Machado e Ruy Coelho. A revista traria a público uma geração de críticos de literatura, teatro, cinema e artes que se destacaria no cenário nacional. Importante veículo de divulgação dessa geração de jovens cultivados e voltados para a perspectiva de pensar o Brasil, a *Clima* permanece como um marco importante da crítica da cultura em nosso país.

Desde sua estréia na Revista *Clima*, Candido ousadamente inicia a construção de uma crítica literária que aliava à discussão estética a interpretação sociológica das obras analisadas. A ousadia vai transformá-lo num discurso fundador no interior do campo da crítica literária. Esta opção somente foi possível dado sua sólida formação intelectual, em que aliava ao domínio das categorias teóricas da sociologia uma intimidade profunda com a literatura, indo dos clássicos universais à literatura brasileira já consagrada e passando pelos escritores ainda pouco conhecidos.

Antonio Candido é sensível às manifestações do pensamento clássico ou contemporâneo, nacional ou universal, e trata com familiaridade toda obra literária - poesia, prosa, ensaio. Estuda Proust, Stendhal, Romain Rolland, Silone; Antero de Quental, Eça de Queirós, Machado de Assis. Aprecia seus principais contemporâneos - Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ciro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Jorge Amado. Prenuncia grandes nomes, como os de Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto, José Geraldo Vieira. E não deixa de lado o trabalho dos críticos e pensadores, como Gilberto Freyre, Tristão de Atáide ou Álvaro Lins. A variedade se organiza, entretanto, na coerência dos princípios tanto estético-literários quanto éticos e, ao leitor, chega uma síntese clara entre a permanência que reitera as convicções e a renovação que atualiza a prática (Sachs, 2000, p. 330).

Antonio Candido e todo o grupo da revista *Clima* eram admiradores dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 22 e interlocutores de suas idéias. É esta espécie de filiação que os leva a escolher Mário de Andrade para escrever a apresentação do primeiro número da revista. Curiosamente vamos encontrar no texto uma espécie de desabafo, de meaculpa, como se ele percebesse algo de irrealizado na proposta de 22, ao mesmo tempo em que via naqueles jovens a possibilidade de irem ainda mais longe.

Entre a minha geração, de espírito formado antes de 1914, para as gerações mais novas, vai outra diferença, esta profunda mas pérfida, que está dando péssimos resultados. Nós éramos abstencionistas, na infinita maioria. Nem poderei dizer "abstencionistas", o que implica uma atitude consciente do espírito: nós éramos uns inconscientes. Nem mesmo o nacionalismo que praticávamos com uma pouca maior largueza que os regionalistas nossos antecessores, conseguira definir em nós qualquer consciência da condição do intelectual, seus deveres para com a arte e a humanidade, suas relações com a sociedade e o estado (Andrade, 1979, p. 63-67).

A capacidade de Candido de perceber qualidades nas diferenças, de não homogeneizar a diversidade, a recusa em entrar no jogo do bem e do mal tão ao gosto da superficialidade que marca nossa época, podem ser entrevistas na resposta sobre quem teria sido a figura mais importante da Semana de 22, se Mário ou Oswald de Andrade.

Acho que nenhum dos dois é divisor de águas. O divisor de águas foi o movimento modernista, coletivo, de que fizeram parte e se exprime simbolicamente pela data de 1922. Eles foram protagonistas. Se vocês estão querendo saber qual dos dois acho mais importante, direi o seguinte: depende do momento e do ponto de vista. Para quem estiver preocupado com os precursores de um discurso em rompimento com a mimese tradicional, seria Oswald. Para quem está interessado num discurso vinculado a uma visão do mundo no Brasil, seria Mário. Quem construiu mais? Mário. Qual a personalidade mais fascinante? Oswald. Qual a individualidade intelectual mais poderosa? Mário. Qual o mais agradável como pessoa? Oswald. Qual o mais scholar? Mário. Qual o mais coerente? Mário. Quem explorou mais terrenos? Mário. Quem pensou em profundidade a realidade brasileira? Mário. Oswald era um homem de intuições geniais, mas com escalas de valor muito desiguais. Em resumo, foram dois grandes homens, sendo irrelevante "optar" entre eles (Lima, 1995).

A reflexão de Antonio Candido se encontra com a de outros autores que a partir dos anos 40 estabeleceram um ponto de inflexão na sociologia produzida no Brasil. A literatura sociológica ganharia novos objetos de reflexão, as análises se deslocando para o campo das classes subalternas.

Até então os grandes nomes da sociologia brasileira, como Gilberto Freyre e Oliveira Viana, estudavam as classes dominantes na perspectiva da história. Nós estudamos o caçara, o negro, o lixeiro, o imigrante. Samuel Lowrie fez a pesquisa sobre o lixeiro; Gioconda Mussolini estudou os caçaras; Egon Schaden, o índio destribalizado; Florestan, o negro. Eu estudei o parceiro rural pobre, no interior de São Paulo. Depois fui ao Nordeste em 1957 e fiquei espantado de ver que aquilo que eu considerava miséria em São Paulo, era abundância no interior do Ceará. Por assim dizer, nós radicalizamos a sociologia brasileira (Jackson, 2000).

Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, havia sido publicado em 1936. Segundo Candido, era o primeiro livro que procurava interpretar o futuro do Brasil à luz das classes dominadas e não das classes dominantes. "Sérgio foi precocemente um homem de tendência de esquerda. Isso levou-o a perceber a função do povo na História Brasileira. E discretamente pôs isso em *Raízes do Brasil*. Aí está um

exemplo de como a consciência política do intelectual pode ajudar a ver” (Lima, 1995).

O ensino da Faculdade de Filosofia foi criado e desenvolvido por missões estrangeiras.

Para dar uma idéia, eu fiz o curso de Ciências Sociais e só tive em português as aulas de História da Civilização Brasileira, com o prof. Alfredo Ellis Jr., no 2º ano. Fora isso, eram todas em francês ou italiano, de maneira que os professores franceses, alemães e italianos formaram a Faculdade. Não é dizer que eram importantes: eles eram a Faculdade (Lima, 1995).

A Segunda Guerra teria um papel desarticulador do corpo docente. Em primeiro lugar, porque os professores estavam no Brasil em missão de seus países. A eclosão da guerra os levaria de volta. O contingente francês que demorou-se mais no Brasil começou a lançar mão de jovens talentos promissores na condição de assistentes, que eram iniciados na docência. Inexistindo uma carreira docente, os assistentes eram contratados a título provisório, a critério do catedrático, muitas vezes por indicação de colegas. Entre os primeiros, segundos e terceiros assistentes foi sendo formada a camada que iria implantar o ensino das humanidades em nosso país.

Finalizada a graduação, Candido decide por se dedicar à literatura. Mas o excessivo rigor disciplinar lhe impediu de, vindo da Sociologia, ser aceito no doutorado em Letras como era seu objetivo. Nesse momento a perda do pai o obriga a procurar um emprego e ao fazê-lo depara-se com o convite de Fernando de Azevedo para que fosse seu assistente na Cadeira de Sociologia II. Antonio Candido fora o orador da turma e já gozava de admiração e respeito entre os mestres. Os assistentes reuniam como atividades o que hoje fazem os bolsistas de iniciação científica e os monitores. Atuavam na discussão da bibliografia concernente à aula ministrada pelo professor titular e colhiam material empírico para alimentar suas pesquisas, as quais também discutiam com as turmas. Os assistentes podiam tomar a iniciativa de propor atividades complementares de formação para os alunos.

Tive a idéia de organizar turmas de leituras e análise de textos. Florestan Fernandes concor-

dou; nós dividimos os alunos em grupos de seis, cada um se encarregando de cerca de quatro grupos do 1º e 2º ano. Chamávamos a isto “colóquios”, que tinham lugar pela manhã, uma vez por semana, para cada grupo. Os alunos desenvolveram bastante a capacidade de leitura e análise (Freitas, 1993).

Embora não houvesse estabilidade para se manterem como assistentes de um catedrático, eram obrigados a se doutorar e a fazer livre docência, o que acelerou a qualificação dessa geração de fundadores.

Fernando de Azevedo era um homem autoritário, mas na verdade muito cordato em relação aos amigos. Ele não fazia nada sem o Florestan e eu aprovarmos, e tinha tanta confiança em nós que deixava a rotina e grande parte do ensino por nossa conta. Com o correr do tempo, os assistentes começaram a não fazer apenas seminários, mas eram encarregados de parte do curso. O Dr. Fernando só dava o de 4º ano; os assistentes davam os dois primeiros anos. Como assistente, nunca tive problemas sérios com meu catedrático, porque ele sempre respeitou muito a nossa liberdade. Agora, havia catedráticos tirânicos, terríveis (Freitas, 1993).

A afirmação de Candido é seguida de um comentário surpreendente sobre os paradoxos observados no interior da Universidade, apesar do processo de democratização registrado a partir dos anos 80. “Hoje não tem mais o regime de cátedra, mas eu vi antes de me aposentar professores titulares igualmente tirânicos, que apesar de todas as conquistas democráticas da Universidade impunham suas vontades por paus e por pedras”. Como alguém gerado no imperial regime de cátedra, onde o titular da Cadeira era o dono absoluto de sua vontade sem qualquer limite no interior da instituição, pôde se firmar como um dos intelectuais mais democráticos de seu tempo? Pode-se pensar que sua busca de explicação para o Brasil, sua constante preocupação em desvendar os códigos mais secretos de nossa cultura autoritária e excludente, tenha lhe forjado na contra mão dessa tendência ainda hoje predominante, especialmente nas nossas universidades.

Antonio Candido e sua geração representam um ponto de inflexão no esforço e no desejo de pen-

sar o Brasil. Até então, os professores brasileiros, detentores de uma formação européia, positivamente valorada, tinham a Europa e especialmente a França como referência. Segundo Candido, a chegada dos professores europeus foi vital para a mudança de foco, tendo os estrangeiros incentivado os alunos à escolherem como temas de investigação fatos locais.

O prof. Roger Bastide em 1940 nos deu um curso de Sociologia da Arte e tomou como exemplo o Barroco brasileiro. Então nos mandava visitar as igrejinhas coloniais em volta de São Paulo. Além disso Roger Bastide analisava conosco fotografias de Minas e outras partes do Brasil, que ia buscar no Serviço do Patrimônio Histórico. Depois deu um curso em que analisava a mitologia brasileira, os mitos de origem indígena e africana. E nos estimulou a fazer estudos sobre o negro. Eu, por exemplo, fiz uma pesquisa sobre a mortalidade negra infantil no Vale do Paraíba no século XVIII, com documentos do Arquivo do Estado. Por aí se vê como cursos feitos por professores estrangeiros, em línguas estrangeiras, o que muitos consideravam alienante, convergiam com a nossa aspiração, a nossa sede de conhecer o Brasil (Freitas, 1993).

Para aquele grupo de estudantes a língua não se apresentava como um grande obstáculo pelo fato do francês, falado pela maioria dos professores estrangeiros, fazer parte do currículo obrigatório durante todo o ginásio, o que dava uma boa base para a leitura e mesmo para a conversação. De qualquer modo a cultura predominante àquele momento na sociedade brasileira era a francesa. Nas residências das pessoas de posses, as bibliotecas eram alimentadas com a produção francesa chegada em navios nos portos das capitais. Na ausência de Literatura Especializada em português, os alunos liam compulsoriamente nas línguas dos seus professores. Alguns poucos títulos brasileiros compunham a bibliografia dos cursos, como Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e Sílvio Romero.

Um ensino de grande densidade teórica aliado à prática de investigação dos fatos sociais está na raiz dessa geração pioneira, dos quais o próprio Candido é exemplo.

Roger Bastide foi um dos professores que mais incentivava junto aos alunos brasileiros a prática

da pesquisa. No primeiro ano, o prof. Bastide me sugeriu que fosse ao Arquivo do Estado fazer um levantamento sobre a mortalidade infantil dos negros no Vale do Paraíba, no tempo da Colônia. Fui com um colega que já morreu, Manuel Cebrian Ferrer, e ficamos muitos dias espirrando naqueles documentos com cheiro de desinfetante. O Arquivo era na Rua Visconde do Rio Branco e nós trabalhamos com as tabelas muito bem feitas do século XVIII, que eram chamadas "mapas". Fizemos o levantamento, tabulamos, escrevemos um pequeno relatório e demos ao professor Bastide. No segundo ano, ele deu um curso de Sociologia da Arte e eu bolei uma pesquisa interessante, sobre a evolução do gosto musical em São Paulo. O material que usei foram os pedidos de disco na Discoteca, que era ao lado do Teatro Municipal; os programas dos concertos no Municipal; os jornais. Baseado nisso verifiquei então que o gosto do público estava passando lentamente da ópera para a música sinfônica, e que além dos executantes individuais estava começando a valorizar a música de câmara (Freitas, 1993).

Roger Bastide levava assistentes e alunos para fazerem o campo. A partir dessas pesquisas nasceram as primeiras teses sobre temas brasileiros. Surge uma geração que inaugura o pensamento sobre o Brasil: normalmente as teses eram o resultado da primeira investigação científica sobre o fato social escolhido e muitas delas permanecem até hoje como referência para os nossos trabalhos. Foi a partir de uma longa investigação sobre a cultura rural em São Paulo que nasceu a tese de doutorado de Antonio Candido, *Os Parceiros do Rio Bonito*.

Essa geração vai se defrontar com acontecimentos seminais de nossa história.

Nós vivíamos intensamente o problema de esquerda e direita, nos anos 30. Quando veio a guerra, nós todos tomamos, é claro, uma posição anti-nazista e anti-facista, e estávamos todos piamente convencidos de que, acabada a guerra, haveria no mundo igualdade e justiça social (Lima, 1995).

Embora a Faculdade de Filosofia não se caracterizasse como um núcleo de atuação política como era a Faculdade de Direito (não apenas em São Paulo), a tendência predominante entre os alunos era o posicionamento contrário ao Estado Novo. A pró-

pria dinâmica conjuntural vai estimulando aquele grupo, que já partilhava valores comuns ligados à democracia e, principalmente, à preocupação com a interpretação do Brasil, a uma crescente politização.

Candido começou a militância política aos vinte e quatro anos de idade, influenciado por Paulo Emílio Salles Gomes, um dos seus maiores amigos, que também integrava o grupo da Clima, e que viria a ser um renomado crítico de cinema. *“O Paulo Emílio Salles Gomes foi para nós uma personalidade chave. As preocupações políticas que me transmitiu na mocidade ainda hoje talvez continuem no centro de minhas reflexões. Paulo Emílio foi preso em 1935, na Intentona. Fugiu da cadeia em começos de 1937. Caio Prado Junior estava lá, não quis fugir. O Paulo Emílio nos levou à militância, eu tinha então vinte e quatro anos. Antes eu me considerava socialista, achava bonito, mas era inteiramente inconseqüente”*. Candido iniciou a militância em grupos organizados clandestinamente para combater o Estado Novo. O Grupo Radical de Ação Popular aglutinava jovens que se posicionavam contra a ditadura Vargas.

Na época, no espaço da esquerda se desenrolava uma luta fratricida entre comunistas e trotskistas, e na penumbra de práticas e discursos pouco explícitos, qualquer crítica ao stalinismo era tomada como sinal de trotskismo. *“Eu pertenci ao primeiro grupo de esquerda do Brasil que lutou contra o stalinismo, nós éramos atacados brutalmente pela imprensa comunista”* (Lima, 1995). Com a redemocratização em 1945, Candido foi um dos fundadores da União Democrática Socialista, origem do movimento chamado Esquerda Democrática, que resultaria na fundação em 1947 do Partido Socialista Brasileiro. Embora detivesse um peso eleitoral pequeno, o chamado PSB histórico congregava um conjunto expressivo de intelectuais e operava como contraponto entre o populismo varguista e o sectarismo dos partidos de matriz marxista-leninista.

Nos anos 60, quando a grande noite se abateu sobre a Universidade de São Paulo, cassações, perseguições, prisões de professores, Candido teve uma atuação destacada, *“sendo um dos centros de reação contra a ditadura”* (Martins, 1993). A modéstia do nosso autor transparece cada vez que

alguém procura elogiá-lo por algo realizado, ou mesmo quando apenas se quer rememorar fatos vivenciados juntos entre os amigos. Ele responde ao amigo Décio de Almeida Prado:

não. É exagero. Tive uma atuação discreta. Ao que Décio retruca: muitos alunos e professores recorreram a você, e Candido acaba por admitir: é verdade. Fiquei muito preocupado com os amigos... A gente ajudava como podia... Aquele tempo foi terrível... Em 1969 foram cassados Florestan, Fernando Henrique, Giannotti, Otávio Ianni, Bento Prado... Todos amigos e alguns antigos alunos do tempo que eu era assistente de Sociologia (Martins, 1993).

Durante o período ditatorial, a militância de Candido tomou as mais variadas formas. Eram tempos sombrios, onde uma palavra, um ato, requeria coragem e ganhava contornos de ações de resistência. Como exemplo, uma homenagem a Garcia Lorca na Biblioteca Municipal na qual Candido foi orador. Dias depois o monumento seria bombardeado pelo Comando de Caça aos Comunistas – CCC (Galvão, 1999).

Em 1968 Candido foi eleito representante dos livre-docentes na Comissão Paritária que geria a ocupação da Faculdade de Filosofia. No final dos anos 70 vamos encontrá-lo como vice-presidente da Associação de Docentes da USP, liderando greves, dirigindo assembleias e enfrentando o arbítrio de alguns diretores. No período, Candido colaborava com a Imprensa de oposição como o jornal Opinião e a revista Argumento. Na conjuntura redemocratizante dos anos 80, um grupo de militantes históricos do PSB como Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, Mário Pedroza, Fúlvio Abramo e Perseu Abramo, se reencontraram na Fundação do Partido dos Trabalhadores (Aguiar, 1999).

O desafio de preceitos estabelecidos faz parte da trajetória de Candido em todos os campos de atuação. Assim, é surpreendente saber que Candido pensou e defendeu a interdisciplinaridade, apesar de sua formação advir de currículos rígidos, em que não era permitido que o aluno de um curso pudesse fazer disciplina regular em outro curso, mesmo no caso daquelas situadas no mesmo campo, o das humanidades.

Infelizmente o saber está se especializando, se compartimentando cada vez mais, de modo que a idéia de integração fica na utopia. Mas eu lutei muito por isso, participei da Reforma Universitária, e fui dos que trabalharam para que, por exemplo, o aluno de Letras pudesse compor o currículo de maneira mais variada. Mas na prática acaba não podendo, porque o horário não permite, o local é diferente, etc. Eu não sei bem qual seria um currículo que permitisse integração e flexibilidade, mas é um ideal bonito (Lima, 1995).

O percurso intelectual de Antonio Candido tem como marca de distinção a intercessão entre a sociologia, a literatura e a crítica literária. “Logo depois de formado passei para um cargo de grande responsabilidade, o de crítico titular, com o Olívio Montenegro no Diário de Pernambuco, com Álvaro Lins no Correio da Manhã, com Alceu Amoroso Lima no Jornal, com Plínio Barreto no Estado de São Paulo” (Lima, 1995). Esse entrelaçamento se dá não apenas pela conjugação dos fazeres, mas pela forma como se imbricam em sua obra sociológica a literatura e como na crítica literária se faz presente a reflexão social.

3 – VISÕES DO BRASIL

Os Parceiros do Rio Bonito, a obra sociológica mais importante de Antonio Candido, originou-se de uma tese de doutoramento apresentada e defendida na USP em 1954. Em 1964 foi publicada, passando a ser considerada um dos discursos basilares da sociologia brasileira, uma interpretação abrangente de nossa formação social.

Neste livro o autor analisa um grupo de trabalhadores parceiros instalados na fazenda Bela Aliança situada no município de Bofete, interior de São Paulo. O valor da obra, para além da minuciosa pesquisa etnográfica, está na capacidade do autor de, partindo das análises geradas com base em um microcosmo, produzir uma ampla reflexão sobre a formação social brasileira. Ao analisar o que chama de cultura caipira, Candido rompe a tradição de uma história das elites dominantes e introduz novos personagens na cena social brasileira, a partir dos quais empreende uma leitura

particular de uma sociedade tensionada pela cisão urbano-rural ou campo-cidade. A interpretação das informações coletadas junto aos parceiros pesquisados vai gerar a possibilidade de reflexões em grande escala, que pensam o país e a nação como um todo.

Qual o pioneirismo de Candido em se debruçar sobre uma pequena população camponesa, investigar sua cultura e as tensões que experimentavam frente ao entrecruzamento de um mundo que cada vez mais passava a existir, apenas mitificado na lembrança dos mais velhos, e o inusitado de um mundo que se urbanizava, e, ao fazê-lo, destruía os elementos compartilhados? O pioneirismo está no fato de que, ao mergulhar na pequena comunidade rural em extinção e situar o ponto de intercessão de uma tradição que se afastava e dos novos padrões e modos de vida que se constituíam, Candido obteve elementos para pensar um país que se distanciava da pasmaiceira rural e assumia os traços urbanos que lhe dariam uma nova configuração.

No plano especificamente metodológico, Candido se destaca, como já falamos, pela utilização de diversas fontes teóricas na medida que suas necessidades interpretativas requeiram este ou aquele aparato teórico. Longe de correr o risco de um ecletismo sem nenhuma regra, Candido parece utilizar de tal maneira as opções teóricas disponíveis, que em nenhum momento a idéia de uma salada teórica se põe para o leitor, mesmo o mais especializado. Ao recorrer à História Oral, podemos ver que Candido não naturaliza os depoimentos, não toma o fato como evidência; antes problematiza e categoriza as falas, interpretando os seus possíveis significados à luz de um quadro conceitual e histórico capaz de lhe emprestar inteligibilidade.

Em consonância com o tempo de incomunicabilidade entre propostas teóricas díspares, o ecletismo metodológico do texto foi motivo de críticas. As reticências da comunidade intelectual à diversidade de referências teóricas utilizadas, como Malinowski, Lévi-Strauss e Marx, receberam o seguinte comentário do autor:

quanto às críticas que, ouvi dizer, alguns faziam a respeito de eu ter misturado autores tão díspares

res, penso que não cabem, porque toda tentativa de síntese parte necessariamente de elementos díspares. O importante é chegar a um ponto de vista integrado, harmonioso e realmente explicativo. Quero ainda esclarecer que sofri muita influência de Marx, mas nunca me considerei um marxista propriamente dito, obrigado a ser coerente com a totalidade de sua filosofia. E, pensando bem, Marx também poderia sofrer reparos pelo fato de haver misturado Hegel, Ricardo, Adam Smith, Malthus, economistas liberais e socialistas franceses (Jackson, 2000).

O fato de conjugar a pesquisa etnográfica de cunho antropológico à análise de problemas sociais como a questão agrária, ou seja, fundir antropólogo e sociólogo numa única persona, possibilitou à Candido a produção de uma análise que parte do local mas não se esgota nos seus limites geográficos, permitindo a extrapolação para o universo total do estudo. A abrangente problematização do tema alcança a análise política, da qual decorre sua defesa de uma reforma agrária que levasse em conta traços distintivos das populações rurais no plano da cultura, modos de vida e sociabilidade.

O contato direto com o grupo pesquisado, através do recurso metodológico da História Oral, permitiu a Antonio Candido apreender seus traços sociais característicos, sua história, de uma maneira muito superior ao que poderia oferecer o acesso a dados oficiais ou estatísticos. Carregados de subjetividade, os depoimentos dos parceiros são, a um só tempo, o fato tal como eles os reconstituem e o modo como os fatos e acontecimentos lembrados foram vistos/vividos. Essa subjetividade é apreendida em toda a sua gama de especificidades, a partir de como ela é produzida no interior dos grupos sociais. A utilização desse método advém da compreensão de que os lugares sociais de onde se fala, operam de modo determinante sobre o que e como se vê, portanto, sobre o que e como se fala.

Desse modo, um acontecimento será sempre passível de ser objeto de várias versões, todas elas verdadeiras, dado que são fruto de uma experiência, a um só tempo, individual e coletiva, objetiva e subjetiva. Algo que aconteceu tem sua materialidade incontestada, mas foi visto, sentido, vivido, através do filtro de um lugar social definido, com

a visão de mundo e demais atributos subjetivos que lhe concernem. E é na busca desse espaço privilegiado entre a objetividade e a subjetividade que Candido vai se utilizar de toda a riqueza e possibilidades da História Oral.

Os grupos rústicos analisados em sua tese constituíam na década de 50 a maior parte da população brasileira. Candido vai identificar naquela conjuntura histórica o momento de transição, em que uma sociedade baseada na atividade econômica primária começa a perder lugar frente à expansão capitalista, via processos de industrialização e de urbanização. A modernização em curso quebrava rotinas econômicas e culturais, e produzia entre os trabalhadores parceiros o efeito de viver a desintegração de um mundo conhecido e a aproximação com um mundo baseado em regras e sociabilidades que anulavam toda uma história vivida pelo grupo pesquisado. As pequenas comunidades baseadas no conhecimento recíproco, vizinhança e regras morais compartilhadas, sentem a ameaça como se seu mundo soçobrasse e em seu lugar fosse colocado um terrível e desconhecido mundo novo. É no âmbito de uma sociedade elitista e excludente que se pode compreender o significado que a escolha desse objeto de pesquisa por Antonio Candido, bem como a forma com que abordou sua existência, tiveram para a nascente ciência social brasileira.

A aposta de Antonio Candido não é no lamento do tempo fugidio ou de um presente que caminha célere rumo ao passado. Diante da visão do presente que se dissolve, ele não adota o recurso fácil da mitificação ou a melancolia frente a uma cultura em desintegração. Sua atitude de pesquisador e de homem da ciência é pensar quais novos caminhos se descortinam para o grupo pesquisado, capaz de incluí-los no contexto das mudanças. A política aparece como possibilidade e a reforma agrária como a solução capaz de evitar a exclusão social das populações rurais, ao fixar homens e mulheres no campo em condições mais favoráveis e dignas de sobrevivência.

Obra filiada à tradição ensaística que marca a produção das décadas de 30 e 40, os Parceiros do Rio Bonito vai surpreender. Ao mesmo tempo que se aproxima de obras como Os Sertões, Raízes do Bra-

sil, Casa Grande & Senzala e Formação do Brasil Contemporâneo, vai além, ao ultrapassar o ensaio histórico-social e construir uma interpretação da formação social brasileira, partindo de um recorte empírico pequeno e do recurso aos procedimentos científicos para chegar a um diagnóstico do Brasil.

Ele mostra-se pioneiro também no olhar que lança às classes populares. Nos seus *rústicos*, Candido não busca o negativo, a ausência, a falta; longe disso, procura sinais de resistência, ainda que seja via idealização do passado. Esse é o traço maior da sua obra, quem sabe até possamos falar de uma feliz e solitária escolha. Ao invés de seguir a perspectiva dos que os vêem como seres condenados, Candido vai tentar compreender essa gente de tantos traços e cores, tamanhos e odores, desejos e exclusões. E onde os olhos do colonizador (externo ou interno) e de seus seguidores somente conseguiram enxergar lacunas e ausências, Candido vai descobrir possibilidades. Mas não se pense em uma escrita panfletária. Longe disso, a compreensão de Candido da crise agrária e da sujeição dos grupos pesquisados a um sistema de terra absurdamente cruel, uma fábrica de exclusão, impulsiona sua sensibilidade de pesquisador, a se lançar à árdua tarefa de desvendar os segredos das relações sociais e das suas consequências para as populações estudadas.

O olhar que o autor lança aos *grupos rústicos* por ele investigados não se detém na superfície de homens, mulheres, cena social, condições de vida. Candido atravessa cena e personagens e vai buscar com calma os elementos explicativos do quadro apresentado. Ao retornar, traz consigo uma reflexão profunda sobre o processo social em curso que, não por acaso, se desloca para o campo da política. Longe do naturalismo de um texto que se constrói sozinho, o texto de Candido atesta em sua elegância e simplicidade o quanto de trabalho concentra. As Ciências Sociais brasileiras tiveram em Candido o seu Flaubert e hoje se ressentem da linguagem hermética e da argumentação hiperbólica, fruto talvez da compreensão equivocada de que a dificuldade na leitura de um texto torna-o mais atraente pela aura de inacessibilidade que o cerca.

Ao entrelaçar sociologia e literatura, Candido funde o apuro científico que se requer de uma experiência de decifração do mundo social e a elegância estética que se quer de um estilista da língua. Assim nem despreza a literatura ao fazer sua sociologia, nem esquece a sociologia ao fazer crítica literária. O amálgama entre os dois recortes, se é que podemos chamar assim, produziram uma obra simples, consistente e elegante, criatura e criador se confundindo nas características e nos produtos.

Na Formação da Literatura Brasileira publicada em 1959, vamos encontrar o mesmo empreendedor de análises e reflexões pioneiras que iria estabelecer o pensamento social e literário brasileiro.

Lá, eu não pretendi fazer uma mera história da literatura, dos textos literários. Como é que os brasileiros pensaram a literatura? Este é o ângulo do meu livro, ou seja, como é que os brasileiros foram concebendo aos poucos a literatura, como é que eles foram se sentindo mais originais. É de certa maneira um capítulo da formação do pensamento brasileiro no terreno da literatura, não só a produção dos textos literários, mas como, ao lado da criação dos textos literários, os brasileiros pensavam no significado histórico dessa elaboração. Pensavam o seu país (Jackson, 2000).

Tal como os Parceiros do Rio Bonito, também a Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos é considerado um livro fundamental e comparado aos clássicos do pensamento social brasileiro, como Um Estadista do Império, Casa-grande e Senzala, Raízes do Brasil. Autores como Callado ressaltam a importância da obra ao afirmar que a Formação da Literatura Brasileira “é, antes de mais nada, uma história do Brasil. Mas uma história que se desenrola numa região mental diferente. Trata-se do Brasil pensando a si próprio. O monólogo interior do Brasil” (Callado, 1992).

Conciliando disciplinas, Candido desafia diversos códigos que até então circunscreviam e domesticavam o trabalho profissional. Primeiro porque recusa a rígida divisão disciplinar que garantia legitimidade a cada discurso científico e erigia seus sujeitos em especialistas, cuja competência era proporcional à distância estabelecida entre eles e à intrincada rede de aspectos e valores que constitui tanto a vida universitária quanto a social. Segundo

porque, tentando articular a sociologia e a história aos estudos literários, estabelece relações entre o racional e o imaginário. E ataca tanto a primazia do empírico e o mecanicismo das análises sociologizantes quanto a transcendência do estético e suas definições meramente impressionistas ou formalistas. Terceiro porque constitui seu trabalho historiográfico não pela negação, mas pela reelaboração de processos formulados pelas diferentes tendências que participaram da história recente das Ciências Sociais e Humanas (Pedrosa, 1992).

Na arquitetura do pensamento de Candido, onde de maneira inusualmente harmônica cruzam-se o literato direcionado para a estética e o sociólogo preocupado com o contexto, os elementos que enformam a cena se expressam claramente em suas escolhas. Ao analisar sua geração como vocacionada para a análise e a sistematização críticas, cita o poeta Drummond como seu maior representante. Além do poema que abre este texto, Drummond lhe dedicaria também *O medo* (Drummond, 1983). Segundo Pedrosa o medo seria o sentimento motor tanto da atividade intelectual quanto da atuação política do grupo. A grande preocupação de Candido ou, quem sabe possamos dizer, sua grande angústia interior “*era o medo de não ser útil, de não participar construtivamente da realidade de seu tempo, partindo do princípio de que não se deve abrir mão da autonomia e da diferença próprias a cada indivíduo, discurso ou prática social*” (Pedrosa, 1992). Essa preocupação vai dar o tom de sua atividade intelectual, via literatura e sociedade, subjetividade e objetividade, imaginário e realidade social, na busca de refletir tanto no plano literário quanto no plano das Ciências Sociais o significado de nossa nacionalidade, e no seu interior, o lugar e a ação do intelectual das letras, do homem das ciências e, especialmente, do cidadão. “*Questionando essa nossa vontade de verdade no nível do discurso literário, Candido contribui para o desnudamento do caráter social do dado estético e imaginário, e, simultaneamente, do caráter estético e ideológico de que é carregado o fato empírico e histórico*” (Pedrosa, 1992).

Segundo Antonio Candido estão contidas na literatura uma função total e uma função social. A

primeira deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados. A segunda comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade (Candido, 1965). Um exemplo desse entrecruzamento de funções é a obra *Formação da Literatura Brasileira*, que aponta a função social dos momentos decisivos da literatura brasileira na construção de valores que justificaram a criação do Estado no Brasil. Como afirma Antonio Candido, a “*literatura não corrompe nem edifica, mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal humaniza em sentido profundo, porque faz viver, ao facultar uma maior inteligibilidade de uma dada realidade social e humana, da qual constitui representação*” (Lafer, 1979).

Para Candido, a literatura é um processo histórico, de natureza estética, que se define pela inter-relação das pessoas que a praticam, criam uma certa mentalidade e estabelecem uma certa tradição. A partir do momento em que essa tradição se consolida, está sedimentada uma Literatura. Na sua lide de crítico literário, ele construiu para a literatura brasileira as categorias de manifestação, formação e sistema para designar as etapas sucessivas que deságuam na percepção de uma literatura consolidada. Assim, manifestação designa toda produção literária em qualquer tempo e contexto. Formação refere-se ao processo mesmo de crescimento quantitativo e qualitativo dessa produção. Por fim, o sistema literário é a articulação das obras, de maneira a formar uma consciência literária num certo momento, e estabelecer uma tradição. Nesse sentido, a *Formação da Literatura Brasileira*, é para ele, “*um estudo sobre o Arcadismo e o Romantismo, que eu considero momentos decisivos, não de literatura propriamente dita, mas de formação do sistema literário*” (Lima, 1995).

Para além de ser um instrumento de Educação e Cultura, a Literatura é considerada por Candido um instrumento de humanização. “*Evidentemente, para entendermos esse fator de humanização nós temos que enquadrar a Literatura e a Educação no contexto social. É preciso não esquecer que*

a grande função social da Literatura é o grande efeito humanizador que ela exerce, tanto pela forma quanto pela mensagem” (Lima, 1995).

A abertura de Candido e a importância que empresta à literatura fazem dele um defensor da utilização de obras literárias nos cursos universitários. Ele e seu grupo de convivência são exemplos concretos de que o recurso à literatura é imprescindível na formação de intelectuais capazes de sair do espaço restrito das especialidades para se defrontar com o meio social circundante ou mesmo com os mistérios da condição humana.

Como discípulo de Maugué, acho bom. E lembro que certos autores que transmitem uma visão mais articulada do mundo podem ser inclusive trabalhados quase como textos filosóficos. É o caso de Dostoievski, do nosso Machado de Assis, de Proust, de Thomas Mann. A seção de Filosofia, e um pouco a de Ciências Sociais, produziram críticos nos mais variados setores: arte, literatura, teatro, cinema. Refiro-me a gente como Gilda de Mello e Souza, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Paulo Emilio Salles Gomes, o Ruy Coelho da primeira fase, eu próprio. Notem que não somos formados em Letras ou Artes, mas em Filosofia e Ciências Sociais (Lima, 1995).

Instado a falar sobre sua obra, a caracterizá-la, ele se refere a três etapas, a seu ver, pontos de inflexão na sua produção, cronologicamente situados nos anos 40, 50 e 60. Na primeira, *“vista de hoje, eu estava preocupado sobretudo com a busca de condicionamentos; para ser mais exato, a busca de causas. Assim, as obras literárias me interessavam na medida em que estavam ligadas a um determinado sistema de condicionantes do meio, e na medida em que influíam umas sobre as outras, sobretudo na dimensão do tempo”*. A obra que expressa esta fase seria sua tese produzida em 1945, Introdução ao método crítico de Sílvio Romero, onde, segundo o autor, estão os seus pontos de partida teóricos (Lima, 1995). Nesta época sobressai o Candido leitor de Marx, embora não se reclame marxista, segundo ele porque o marxismo é uma filosofia abrangente, que exige quase que uma adesão para explicar todos os setores da vida. *“Mas acho que, como filosofia política ele tem grande vitalidade, uma grande vivacidade, e ainda poderá dar muito conta de si, contanto que seja considerado um método, e não um dogma”* (Lima, 1995).

Os anos 50 inaugurariam novas influências teóricas de corte funcionalista. De um lado, a Antropologia Social inglesa de Malinowski e Radcliffe-Brown; de outro, as idéias críticas de T. S. Eliot e o *new criticism* americano. *“Eu me preocupava então com o problema da funcionalidade, isto é: não apenas com a seqüência temporal dos eventos ou das obras e seu encadeamento; não com o seu condicionamento – mas com a pertinência dos traços de um determinado sistema”* (Lima, 1995). São deste período as obras consideradas mais importantes: Os Parceiros do Rio Bonito, concluída em 1954, e a Formação da Literatura Brasileira, publicado em 1959.

Na terceira fase que segundo ele se localiza na década 60, seu interesse se transfere para a estruturação e a fixação dos elementos condicionantes do meio. Neste momento, a preocupação não é mais tanto o condicionamento quanto o próprio sistema. *“Não o sistema isolado, tomado em si, mas na medida em que é uma fórmula através da qual o externo se torna interno”* (Lima, 1995). Este deslocamento de foco aparece pela primeira vez em 1961, por ocasião do II Congresso de Crítica e História Literária, realizado em Assis, cidade do interior de São Paulo. Sua obra Literatura e Sociedade, publicada em 1965, vai expressar a nova preocupação.

Chama a atenção a fina tessitura de seu texto, onde a profunda e rigorosa análise e o manejo dos conceitos se expressam com simplicidade e leveza, oferecendo ao leitor com uma dicção clara e sonora, elementos que poderiam ser indigestos, especialmente para o leitor comum. Esta simplicidade não se confunde com ligeireza com a escrita *corridinha* com que muitos dos nossos intelectuais apresentam seus argumentos. Nele, a elegância da escrita demonstra o profundo mergulho em categorias teóricas, a paciência com que se lança à tarefa árdua de interpenetrar teoria e empiria, tendo como resultado a compreensão, a interpretação do objeto construído e pensado. No entanto, com a modéstia que lhe é própria, Candido se desculpa: *“é uma escrita clara, mas pouco profunda. Entre clareza e profundidade, eu prefiro a clareza, mesmo porque eu não sou capaz de chegar na profundidade. Sempre me considereei um transmissor de conhecimento, não um criador de*

conhecimento. *Algum conhecimento que eu tenha criado, veio como sucedâneo dessa minha vocação para transmissor*" (Lima, 1995).

Em vários momentos de suas elaborações, Candido nos convida a uma provocante reflexão sobre a distinção entre igualdade e liberdade e a superioridade da primeira sobre a segunda. A argumentação que ele utiliza para diferenciá-las e a justificativa com que acompanha sua opção dão bem a dimensão da agudeza de seu raciocínio e da magnitude de suas inquietações sociais.

Nós temos uma obsessão muito grande com a liberdade, e talvez eu o choque dizendo que se tivermos de escolher entre liberdade e igualdade, nós devemos escolher a igualdade, não a liberdade. Porque a liberdade é sempre a minha liberdade e a igualdade por definição é de todos. Eu sou um homem de classe média, que tenho uma profissão boa, tenho uma ótima aposentadoria, eu faço o que quero, eu sou um homem livre. De modo que para mim, no momento, o Brasil é um país extremamente livre. Mas 70% da população brasileira não tem liberdade nenhuma, não tem a liberdade nem de comer. Então eu digo, havendo opção, que entre liberdade e igualdade eu faço opção pela igualdade (Lima, 1995).

No artigo *Radicalismos*, uma das suas últimas publicações, Candido se debruça sobre a sociedade brasileira, buscando mostrar a incidência de idéias radicais a partir de três autores expressivos do pensamento social brasileiro: Joaquim Nabuco, Manoel Bonfim e Sérgio Buarque de Holanda. Curiosamente, embora pretenda investigar a presença de idéias radicais, o autor inicia o texto afirmando a permanência do ideário conservador: *"um dos traços fundamentais da mentalidade e do pensamento político no Brasil é a persistência das posições conservadoras, formando uma barreira quase intransponível"* (Candido, 1990). Segundo o autor, uma das características do pensamento radical brasileiro é o de pensar os problemas na escala da nação, passando ao largo da reflexão das classes sociais, dos antagonismos e dos interesses das classes subalternas. Essa opção pela escala maior, na sua visão, impele a substituir as soluções revolucionárias pela conciliação.

Para Candido o radicalismo brasileiro é gerado no interior dos setores esclarecidos das clas-

ses dominantes e de classe média, *"constituindo-se no conjunto de idéias e atitudes, formando contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou"*. Por outro lado, reflete sobre a comparação entre o radical e o revolucionário. *"O revolucionário e o radical podem ter idéias equivalentes, mas enquanto o primeiro chega até a ação adequada a elas, isto não acontece com o segundo, que em geral contempora na hora da ruptura definitiva"* (Candido, 1990). Nessa perspectiva, o radicalismo vindo das classes dominantes é uma aberração, enquanto que vindo dos setores médios, será o elemento próprio e particular desse extrato, dado sua posição na estrutura de classes e a função histórica de seus setores esclarecidos.

Situando a discussão no campo empírico de países como o Brasil, em que *"a consciência do povo não corresponde à sua potencialidade revolucionária"*, Candido afirma que nesses casos o pensamento radical pode ser uma espécie de mensageiro do possível, já que a hipótese de revolução está fora de cogitação. Sua análise rigorosa aponta o fato de que o radicalismo seria um corretivo de tendência predominante nessas sociedades, que consiste *"em canalizar as reivindicações e as reformas, deformando-as por meio de soluções do tipo populista, isto é, as que manipulam o dinamismo popular a fim de contrariar os interesses do povo e manter o máximo possível de privilégios e vantagens das camadas dominantes"* (Candido, 1990). Em momento potencial de ruptura, quando se coloca efetivamente a perspectiva de transformação, o pensamento radical aparece como o instrumento de negociação mais adequado.

Para Candido, no Brasil o pensamento radical pode aparecer como ocasional, passageiro ou permanente. Analisando a trajetória de Joaquim Nabuco, ele vai afirmar que sua participação no movimento abolicionista fez dele um radical temporário. *"A campanha abolicionista lhe abriu os olhos e o fez conceber de maneira mais ampla e democrática o conceito de povo, que deve a ele o primeiro enfoque realmente moderno e avançado no Brasil"* (Candido, 1990).

É em Manoel Bonfim que Candido vai encontrar o modelo de radical permanente. Tendo submetido à análise rigorosa as bases da socieda-

de brasileira e latino-americana, Bonfim publicou sua primeira obra, *América Latina: males de origem*, em 1905. Para Candido o esquecimento de que Bonfim tem sido vítima pode ser explicado, por um lado, pelo uso corrente de analogias biológicas nas suas análises. No entanto, é para a questão política que Candido chama a atenção, afirmando que a razão do limbo em que foi posto Bonfim é “*porque manifestava pontos de vista politicamente incômodos para as ideologias dominantes*” (Candido, 1990).

A análise da sociedade brasileira em Bonfim tem como ponto de partida o que ele denomina de parasitismo dos países centrais sobre as colônias. A partir daí e utilizando como parâmetro de análise o trabalho, vai traçar um panorama severo em que ganham relevância a sobrevivência de preconceitos fundados na ocorrência do trabalho escravo em nosso país. De acordo com Bonfim, o trabalho ao ser imposto ao escravo, tornou-se uma atividade indigna para o homem livre. Partindo dessa idéia ele vai realizar um profundo diagnóstico da instituição colonial e suas consequências para a formação social brasileira.

Partindo das análises de Bonfim, Candido vai identificar um certo mal de origem na formação das classes trabalhadoras, ou classes laboriosas brasileiras. Para ele a experiência histórica da presença do trabalho forçado, escravo, lado a lado ao trabalhador livre teria marcado o incipiente processo de industrialização capitalista. Em decorrência, integraria nossas relações sociais de trabalho, um componente negativamente valorado: a indignidade do trabalho braçal, trabalho manual, que a seu ver, teria sua origem na presença no imaginário social brasileiro de uma certa contaminação do trabalho livre, capitalista, pelo trabalho escravo.

Essa reflexão parece-nos bastante sugestiva para pensar sobre as dificuldades na construção do espaço público no Brasil. A rigor, a História Política brasileira tem demonstrado largamente a permanência de um espaço público diminuto, pontilhado por atores individuais e coletivos oriundos e/ou representantes das elites proprietárias. Nesse quadro, a constituição de um espaço público, onde homens interagindo suas diferenças e seus projetos entrela-

çariam discursos e construiriam instituições reguladores da vida social, não se faria sem grandes obstáculos e nem de maneira progressiva.

A idéia-força que preside essas análises oferece sugestivas pistas para se pensar na difícil e tortuosa tarefa de construção da cidadania e da democracia em nosso país. Processo pleno de discontinuidades, avanços e recuos cujos obstáculos podem ser expressos na indagação crucial que se faz Candido:

quando a gente percebe que vive num dos piores países do mundo, porque em matéria de nível social, é um país em que as classes dominantes são classes delinquentes, porque tiveram energia suficiente para construir um grande país e não tiveram um mínimo de humanidade para distribuir um pouco do que acumularam, e a gente vai ficando velho, vai vendo que os governos se sucederam e as utopias se desmoronaram, e fico pensando: será que, a curto prazo, nós temos solução para isso (Lima, 1995).

Lamentamos não ter uma resposta para a pergunta crucial e indignada de nosso autor. Tomando como ponto de partida sua reflexão sobre a diferença entre igualdade e liberdade, talvez nós possamos acrescentar à sua argumentação que a igualdade parece ser condição da liberdade. Onde, em se tendo a primeira, a segunda virá por acréscimo. Temos de admitir que a tarefa de construção da cidadania do povo brasileiro, a conquista de uma sociedade fundada em valores democráticos, vem se dando de forma descontínua e em ritmo lento. Nesse sentido, talvez valha a pena lembrar que trajetórias como a sua podem encurtar o caminho. Intelectuais-cidadãos são um dos ingredientes necessários para a edificação de uma ética de vida, baseada na construção de valores calcados na solidariedade, na elaboração de um contra-discurso que dispute espaço com o discurso conservador e, sobretudo, na construção de práticas que desafiem o *status quo* e que atuem no sentido da construção de uma sociedade democrática.

Em Candido, chama a atenção a relação harmônica entre a postura ética na vida e na produção, no texto. Numa e na outra, despojado, normal, simples. “*Essa atitude intelectual sóbria, avessa à autopromoção, relaciona-se com um certo tipo de sociabilidade respeitosa em relação aos seus pa-*

res e aos leitores, uma postura ética que flui do texto, para “dentro da vida”, e desta para o próprio texto” (Santos, 2000).

Os elementos presentes na obra e na figura humana, especialmente o rigor no trato da análise literária, ou seus atributos de homem simples e generoso, são consenso entre todos seus comentadores. Mesmo a pesquisa mais rigorosa nos textos escritos sobre o autor ou sua obra não encontrará palavras outras que não sejam de celebração de seu perfil e de seu trabalho. “Não há improvisações, não há brilhanças, não há panos quentes na sua atuação como crítico literário, sociólogo, teórico da literatura, historiador, brasileiro responsável. A limpidez do seu pensamento é a de sua vida. E, desta forma, com modéstia de sábio e generosidade fraterna, Antonio Candido, professor-escritor, é um homem” (César, 1992).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - AGUIAR, Flávio. *Antonio Candido: pensamento e militância*. SP: Perseu Abramo, 1999.
- 2 - ANDRADE, Carlos Drummond. A Rosa do povo. In: _____. *Nova Reunião* (ant). Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979.
- 3 - CALLADO Antônio. Formação da Literatura Brasileira: um monólogo interior. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- 4 - CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: EDUSP, 1987.
- 5 - _____. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: 1954.
- 6 - _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.
- 7 - _____. *Radicalismos*. São Paulo: USP, 1990. (Estudos Avançados, 4/8).
- 8 - CÉSAR, Guilhermino. Um Homem da geração clima. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- 9 - CRÍTICA Literária Brasileira: polo de pesquisa e de informação <http://acd.ufrj.br/pacc/literaria>.
- 10 - D'INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- 11 - FREITAS, Sônia Maria de. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993.
- 12 - GALVÃO, Valnice Nogueira. In: AGUIAR, Flávio. *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.
- 13 - JACKSON, Luiz Carlos. *A Tradição esquecida: os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Petrópolis: ANPOCS, 2000. mimeo.
- 14 - LAFER, Celso (Org.). *Antonio Candido*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.
- 15 - LIMA, Aldo. In: INVESTIGAÇÕES, Linguística e Teoria Literária, 1995. v. 7, p. 39.
- 16 - MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo Roberto. *3 Antônio 1 Jobim: histórias de uma geração*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- 17 - PEDROSA, Célia. Os Dois gumes da história. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- 18 - SACHS, Sônia C. Vollet. Antonio Candido: uma bibliografia. In: SANTOS, Luiz A. Castro. *A Radicalidade de Os Parceiros do Rio Bonito*. Petrópolis (RJ): ANPOCS, 2000. mimeo.
- 19 - SANTOS, Luiz A. Castro. *A radicalidade de Os Parceiros do Rio Bonito*. Petrópolis (RJ): ANPOCS, 2000. mimeo.